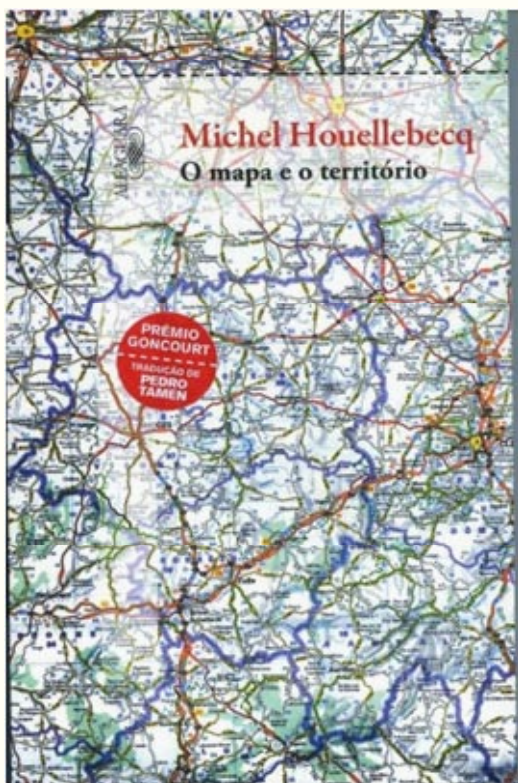


Por Bruno Ribeiro



HOUELLEBECQ, Michel. **O Mapa e o Território**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Sinopse: Jed Martin é um artista francês que se torna famoso por reproduções de mapas rodoviários e por quadros retratando pessoas no exercício de suas profissões. Por mais que tenha sucesso em sua carreira, Jed não consegue se relacionar com as pessoas. O único acontecimento capaz de tirar a vida de Jed de seu curso é um assassinato brutal, que ele ajudará a desvendar.

O Mapa e o Território pode ser considerado um livro biográfico, não sobre o autor, mas sobre a arte, e ela vem representada em carne e osso na figura de Jed

Martin, o protagonista do romance. Um artista que acompanhamos em detalhes minuciosos, desde o princípio da sua vida até o término. O livro se divide em três capítulos, cada um nos reserva uma surpresa, principalmente o último, em que ocorre um ponto de giro, transformando o romance existencialista em um policial.

A obra brinca bastante com os gêneros, cada página é uma surpresa interessante, seja nas descrições excêntricas da narração ou nas citações da Wikipédia que Houellebecq utiliza (causando inclusive, denúncias de plágio contra ele) em certo momento, quando prepara uma espécie de retrospectiva do seu trabalho, Jed deve convidar um escritor importante para fazer o texto do catálogo da sua exposição, o nome escolhido é Michel Houellebecq. Neste ponto do livro, em meados do segundo capítulo, o livro ganha uma força irônica e ácida, o autor brinca com a sua figura na história, levando até os últimos limites a ideia de criticar uma pessoa, para na verdade, criticar um meio específico, e porque não, uma sociedade.

Apesar de se colocar na história do livro, o autor nunca se aproxima dos personagens, a distância é uma palavra chave para definir o romance. As pessoas deste mundo temem se aproximar demais um dos outros, eles negam o mundo em que habitam: a realidade glamorosa, a finesse francesa, os bicos saturados de vinho tinto e caviar. O artista Jed renega seu meio, ele se torna milionário, seus quadros passam a valer milhões de euros, ele se vê obrigado a aceitar o sucesso. Em certo momento, vê que a arte, fama, a própria vida entre suas idas e voltas, é equivalente à morte. Entretanto, assim como os outros, ele não se difere em nada, somos todos iguais neste mundo perfumado de Chanel n° 5 e risadas de plástico.

Michel se coloca nesta esfera refinada de forma caricata, descrevendo-se como uma pessoa desleixada, fedida, bêbada, barriguda, lembrando uma tartaruga, sempre reclamando da vida, depressivo, um outsider.

Dessa forma, o autor nos mostra que ninguém está dentro do círculo, todos somos revoltados, desajustados; não há diferença entre nossos corpos e pensamentos, ninguém está contente com o presente que habita; como ele diz nas páginas finais do livro: “O triunfo da vegetação é total.” Nada pode parar o tempo, nada pode parar nossas indagações e tormentos. A arte reflete a vida, e essa, reflete nosso interior desgastado de dúvidas.

Somos todos iguais, essa é a triste realidade que insistimos em negar a plenos pulmões.